

Lugar de passagem

Foi no tempo de todos os silêncios. Havia o homem de olhos sempre abertos e uma história mal contada, um percurso feito de sombras. Ele não fechava os olhos porque tinha medo do sono, tinha medo da morte (mais ainda do que da solidão). O seu passado era um arquipélago de memórias, espaços em branco, pequenas feridas, zonas de luz, aproximações à felicidade. O que ficava para trás eram despojos, formas da ruína: segredos, incertezas, um enigma. Também por isso, ele não fechava os olhos. Também por isso, ele seguia sempre em frente.

Da vida, sobrara-lhe o automóvel, um mapa rasgado, os dias a alastrarem verão adentro, como um incêndio. Tinha agora estas estradas sem fim nem princípio. Tinha agora a ideia de viagem – única utopia. Habitava dentro da velocidade do seu próprio movimento. E assim cumpria o único plano de fuga possível: suspender para sempre o presente, atravessando – fora de mão – o vazio do mundo.

Espaço intermédio

O ritmo é ternário. 1-2-3.

E esta é a fronteira, a terra de ninguém. Estamos a meio, entre estradas perdidas e contornos minerais, no lugar onde se respira, onde se sobrevive. Isto é o centro, o nó, o núcleo. Isto é a penumbra, o limbo, o purgatório. Isto é a linha divisória, um dique, uma barreira contra a ameaça da contaminação. Os mundos separados continuam separados. E nós permanecemos. Sobre. Sob. Ainda.

1-2-3. O ritmo é ternário.

Perto/ Longe

Agora esfregas os olhos cansados, os olhos que nunca fechas por temor do que não podes ver. Aproximas o teu rosto da pedra (ou será da tela?) e reconheces cada sulco, cada incisão, cada sombra. Longe vai o tempo em que duvidaste. O tempo em que a textura – tão afastada dos dedos – continuava a ser um mistério. Perguntavas: "Qual a escala do que vejo? Micro ou macro? Estou perto ou longe? Isto é um cristal ou uma cordilheira?"

Agora esfregas os olhos cansados, os olhos que nunca fechas por temor do que não podes ver. Aproximas o teu rosto da tela (ou será da pedra?) e rendes-te à evidência, aos rastros de tinta na pele do quadro. Nada perguntas porque não vale a pena, não adianta. Dentro de ti, há muito que se esbateu a fronteira entre a memória e o esquecimento. Sabes apenas que estas paisagens existem assim desde sempre. Desde o princípio do mundo.

José Mário Silva